

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Veja Class.: Kaiapó 39  
 Data: 23/09/92 Pg.: 86

## COSMÉTICOS

### Queda na real

*As ações da Body Shop despencam em Londres*

A fábrica inglesa de cosméticos Body Shop nasceu com a maré ecológica que inundou o mundo na década de 80. Cresceu como nenhuma outra em seu ramo nos últimos oito anos, plantando lojas nas capitais do mundo e trabalhando como se fosse um grupo escoteiro. Anita Roddick, uma das fundadoras da Body Shop, costumava dizer que não se interessava por dinheiro e criticava os "dinossauros da bolsa de valores" por sua obsessão pelos lucros, sempre considerados mais importantes que as pessoas. Roddick, uma inglesa

trocados por similares de outras marcas. Foi o preço que a empresa pagou por alimentar um projeto ambicioso.

**FILANTROPIA** — A Body Shop compra óleo do Nepal, essências da Índia e óleos de castanha e contas, para a fabricação de bijuterias, dos índios caiapós brasileiros. Em suas lojas, encontram-se produtos como sabonetes feitos com essência de frutas, cremes que parecem produzidos com salada e shampoos com cheiro de mato. Além de vender produtos com ingredientes naturais (mas fabricados dentro dos padrões químicos, como todos os outros), a empresa mantém um programa de apoio aos fornecedores da matéria-prima que utiliza. No Brasil, por exemplo, a fábrica inglesa assumiu o compromisso de tornar economicamente independente a tribo do cacique Paiakan.

As duas outras causas da queda nos lucros da empresa foram problemas na própria Inglaterra. Uma disputa com uma de suas franquias desembocou no fechamento de seis das lojas mais lucrativas da Body Shop. A perda é temporária e as lojas deverão ser reabertas, mas a queda nas vendas não parou por aí. Nos últimos meses, grandes lojas de departamentos decidiram aderir à onda verde e entrar no negócio dos cosméticos naturais, atraídas pelo exemplo da Body Shop. Lançaram suas próprias marcas, oferecidas aos consumidores a preço baixo. A concorrência foi tão desigual



Anita Roddick, da Body Shop: projeto ecológico no vermelho

comum de classe média, deixou os cuidados da casa para abrir um negócio em que matar o tempo e acabar inventando uma das mais explosivas redes de produtos cosméticos do mundo, ancorada na magia dos produtos ditos naturais. Na semana passada, ela e sua empresa descobriram que não vivem embrenhadas na Floresta Amazônica nem sobrevivem como os monges do Tibet. As ações da Body Shop caíram 40% na Bolsa de Valores de Londres, um fenômeno inédito na história da empresa.

O tropeço tem três causas principais. A primeira delas é a recessão que há mais de dois anos desequilibra a economia da Inglaterra e do resto do mundo. Os cosméticos da Body Shop estão entre os supérfluos que são cortados das listas de compras logo que o cinto começa a apertar. A situação da fábrica é pior que a de seus concorrentes, porque seus produtos são mais caros e, em tempos de pouco dinheiro, acabaram sendo

que a Bolsa de Valores de Londres sentiu de longe. Mesmo sem saber o índice de queda nas vendas, desvalorizou as ações da empresa. Não bastasse isso, a Body Shop transferiu as instalações de uma de suas fábricas, a Cos-Tec, e gastou muito dinheiro com a mudança.

"Não há nada de anormal acontecendo", disse o presidente da indústria, Gordon Roddick, depois que foi constatada a perda. Ele não estava tentando ser esnobe. Com a crise na economia mundial, o aperto na disputa pelo mercado vai riscando do mapa as empresas que não conseguem trabalhar com eficiência e custos baixos. Nesse novo cenário, a Body Shop é um elefante branco. Até agora, só existem indícios de que os negócios não vão bem. No mês que vem, quando for divulgado o balanço da empresa, o desinteresse dos investidores, que começou a ficar claro na semana passada, pode fazer a situação ficar ainda pior. ■